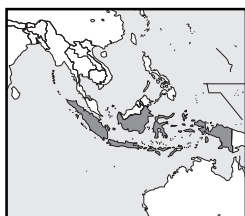


Em busca de um novo país

NANI ZULMINARNI¹



O governo de Wahid não conseguiu cumprir sua promessa de recuperação econômica. Não houve melhoria no padrão de vida de aproximadamente 40% da população que vivia abaixo da linha de pobreza. Muitos problemas sociais permanecem sem solução, incluindo a instabilidade política, conflitos sociais e luta armada, violações de direitos humanos, nepotismo, conivência, escândalos e pobreza. No entanto, a consciência crítica da população e a existência de espaços para expressar suas idéias são elementos animadores de uma nova Indonésia.²

O ano de 2001 foi crítico para o país. Um período em que a população perdeu a paciência de viver na pobreza. O governo, sob a liderança de Abdurrahman Wahid desde 1999, não conseguiu manter sua promessa de recuperação econômica. A inflação atingiu 12,55%, bem superior ao ano anterior, de 9,35%. As receitas das exportações e do turismo caíram.³ Em consequência, não houve melhoria no padrão de vida.

O sistema político permanece instável. As brigas entre parlamentares demonstram sua imaturidade política. Como resultado, priorizaram-se interesses políticos à recuperação social e econômica. Essa situação tem trazido tristeza e frustração ao povo indonésio.

O auge da confusão ocorreu quando o Parlamento aprovou o *impeachment* do presidente, em julho de 2001, e o substituiu por Megawati, quinta pessoa a ocupar esse cargo, mas sendo a primeira mulher. O povo tem grandes expectativas, especialmente em relação à recuperação econômica e à resolução dos conflitos. Entretanto, não será fácil para a nova presidenta, que enfrenta inúmeros problemas. Megawati já ocupa a presidência há seis meses e não houve nenhuma melhoria significativa nas condições socioeconômicas e políticas.

A população atingiu 195,1 milhões (excluindo as províncias de Aceh e Maluku), com 57,69% vivendo em áreas rurais. Mais da metade é constituída de mulheres. As estatísticas mostram que mais de 65% da população está na faixa etária economicamente ativa de 15 a 64 anos. Mais de 49% da população gasta, em média, menos U\$ 20 por mês em necessidades básicas,⁴ um indicador de que o número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza é ainda alto.

A educação continua a ser um problema: 10,25% da população é analfabeta e somente 1,29% está na universidade. Em geral, o número de mulheres analfabetas e com baixo nível de escolaridade é duas vezes superior ao de homens. Muitas crianças abandonam a escola muito cedo, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Algumas se tornam crianças de rua ou trabalham para manter suas famílias. Embora não existam dados oficiais sobre crianças de rua e trabalho infantil, ativistas de ONGs que trabalham com a questão afirmam que a quantidade de crianças de rua e de trabalho infantil aumentou.

Existe uma grande preocupação na Indonésia com os conflitos sem solução e seus impactos, especialmente com o número crescente de pessoas que vivem em campos de refugiados. Os conflitos ocorrem em várias regiões e têm causas complexas: raízes históricas, políticas de desenvolvimento equivocadas, repressão de governos anteriores e disputas pelo acesso aos recursos naturais. A injusta distribuição de riqueza pelo governo centralizado na era da Nova Ordem tem criado enormes desigualdades entre as regiões em termos de bem-estar social, desenvolvimento e acesso a recursos.

1 Presidente do Centre for Women's Resources Development (Centro para o Desenvolvimento de Recursos da Mulher).

2 Os dados de 2001 ainda não estão disponíveis, porém as estatísticas publicadas na edição do *Social Watch* do ano passado ainda são válidas, não houve mudanças significativas nas condições sociais da Indonésia desde então. As informações utilizadas neste documento foram coletadas de fontes diversas, incluindo jornais diários, ONGs e a minha experiência pessoal no trabalho de base realizado em todo o país.

3 Diário *Kompas* de janeiro de 2002.

4 Dados da Welfare Statistics 2000. National Social Economic Survey of BPS.

Durante 2001, cerca de 1,3 milhão de pessoas – mais da metade constituída de mulheres e crianças – viviam em precários campos de refugiados espalhados por 19 províncias.⁵ Essas pessoas são vítimas de várias áreas em conflito, incluindo Kalimantan Ocidental e Central, Sulawesi Central, Aceh, Maluku, entre outras. Atualmente, não parece haver como solucionar esse problema. O governo tem destinado verbas para refugiados/as e tentado transferi-los/as para outras áreas. Porém, os problemas são complexos demais. Muitas das pessoas refugiadas estão vivendo em campos há mais de dois anos, por exemplo em Kalimantan Ocidental.

Esse número pode crescer, não somente por causa dos conflitos intermináveis, como também devido a desastres naturais, como inundações e tufões. Isso aumentará o trabalho e a sobrecarga do governo.

Mulheres ameaçadas

Como efeito em cadeia dos problemas sociais e econômicos, a violência contra as mulheres aumentou dramaticamente em 2001. A Comissão Nacional da Mulher registrou pelo menos 3.169 casos em 14 áreas da Indonésia. A Comissão acredita que o número real pode ser dez vezes mais alto, pois as pessoas tendem a encobrir a violência doméstica. Cerca de 40% das mulheres sofrem violência perpetrada por um familiar próximo, como o marido ou vizinho, e 32% são estupradas na sua própria vizinhança. A violência acontece nas áreas de conflito, nas grandes cidades e nas áreas pobres, onde muitas pessoas vivem abaixo da linha de pobreza. As mulheres também sofrem violência nos locais de trabalho (17%), especialmente entre as trabalhadoras migrantes.

O tráfico de mulheres, especialmente de meninas, também aumentou. A pobreza leva as pessoas a venderem suas filhas às indústrias do sexo e do entretenimento, tanto na Indonésia quanto no exterior. A Comissão Nacional da Mulher ainda não tem dados concretos sobre esse comércio ilegal, porém as ONGs têm registrado muitos casos em suas áreas de trabalho.

Para solucionar alguns problemas relacionados aos conflitos e à pobreza, o governo iniciou um processo de descentralização. Supostamente, este daria a cada região mais poder e autonomia para gerir e controlar sua própria área e seus recursos. Também significaria que as pessoas teriam maior poder para controlar o próprio governo. No entanto, isso é um caminho longo, pois nem todas as regiões estão prontas para o autogoverno. Além disso, a descentralização é interpretada e se expressa de maneira diferente em cada região.

A lei da descentralização sugere que cada região explore as leis tradicionais, baseadas nos seus valores culturais, e as aplique conforme as leis e regulamentos locais. Em alguns casos, a aplicação da lei pode beneficiar a população, porém em muitos outros prejudica as mulheres, pois a maioria está baseada em fortes valores patriarcais. Em muitas áreas, as mulheres serão marginalizadas e excluídas dos processos decisórios.

As mulheres sofrerão um retrocesso na medida em que sua posição e status forem determinados por sistemas que são obviamente discriminatórios. Um exemplo é o de Sumatra Ocidental, onde foi adotada uma lei determinando que as decisões nas aldeias serão tomadas por três grupos: os líderes religiosos, intelectuais e funcionários do governo, no entendimento de que todos serão homens.

Embora a Indonésia tenha atualmente uma mulher na Presidência, não existem mulheres em cargos políticos destacados para apoiar o movimento das mulheres nos planos nacional e regional. Há poucas mulheres em posições de decisão, se comparadas aos homens. Por exemplo, as mulheres compõem somente 8,9% do Parlamento. Não há uma única mulher entre os 32 dirigentes de província; há somente cinco mulheres entre os 266 dirigentes de distrito, e elas ocupam menos de 10% dos cargos de alto escalão na estrutura governamental.

Essa carência de mulheres em posições de decisão é responsável por conceitos e estratégias de desenvolvimento que não levam em conta a questão de gênero. A educação política das mulheres é realizada somente por algumas ONGs. A Indonésia terá eleições em breve. Alguns fatores críticos desse momento serão, com certeza, a preparação de uma estratégia eficaz de educação política e a capacitação de liderança para as mulheres.

Embora a Indonésia tenha ainda um longo caminho a percorrer até a sua renovação, há esperanças de que o país siga adiante. A consciência crítica da população e a existência de espaços para expressar suas idéias são elementos animadores desse novo país que a população deseja. A próxima eleição terá grande importância e será um desafio. É necessário ter uma estratégia econômica efetiva para sanar seus males e evitar a falência. Isso requer a colaboração de todas as pessoas, incluindo sociedade civil, governo e setor privado. O povo indonésio tem grandes esperanças de que seus/as políticos/as tenham interesse em colocar as questões públicas acima de suas próprias prioridades. ■

Centre for Women's Resources Development (Centro para o Desenvolvimento de Recursos da Mulher)
<naniz@centrin.net.id>

5 Diário Kompas de dezembro de 2001.